

Para encarar o Brasil de frente

Responsabilidade de todos nós, a inclusão social começa em atos individuais e desencadeia grandes ações

POR LUCIANO MANDELLI FOTOS DIVULGAÇÃO



MUITO SE FALA EM RESPONSABILIDADE SOCIAL, MAS não caberia ao Estado resolver as mazelas do nosso país? Pagamos impostos para isto, inclusive. Abismos sociais não deveriam existir, mas o governo não possui mecanismos eficientes de seguridade social e tampouco possibilita que a nossa economia cresça de forma sustentável. A atitude, portanto, deve partir de nós mesmos. Não viemos ao mundo a passeio, mas para exercer um ou mais papéis que farão deste um lugar melhor para se viver.

Em recente palestra do empresário Jorge Gerdau Johannpeter, ouvi a melhor síntese sobre o assunto. Segundo ele, a responsabilidade social não se resume a doações, ela pode e deve ser exercida em 3 níveis, de acordo com as possibilidades de cada um: de forma individual, comunitária ou institucional.

E é individualmente que começam as nossas obrigações. Devemos tratar as pessoas com respeito, trabalhar de forma séria e honrar os nossos compromissos, conceber e realizar projetos, gerar oportunidades para o próximo, consumir produtos sustentáveis, não poluir o meio ambiente, votar conscientemente, ajudar os amigos, melhorar a qualidade do ensino de nossas escolas, ajudar a reduzir a criminalidade do nosso bairro, apoiar líderes comprometidos com o desenvolvimento social e por aí vai.

O Brasil é um país com leis e instituições que ainda necessitam de muito aperfeiçoamento, afinal, estamos em desenvolvimento. Este papel não pode apenas ser exercido pela classe política. O futuro depende do nosso engajamento pessoal, nas discussões de foro político, com participação de empresários e formadores de opinião de todos os segmentos da sociedade.

Com a clareza das palavras de Jorge Gerdau, ficou fácil entender a agenda social e nosso papel frente a ela. Muitos de nós, isoladamente, exercemos atos responsáveis e conscientes, porém vivemos em muros cada vez mais altos, coagidos pelo medo e pelo individualismo. Como alternativa, aliviemos a nossa consciência através da doação de recursos a instituições de caridade ou outras organizações, o que ajuda, mas não é o suficiente.

Na maioria das vezes, um mero olhar generoso sobre a realidade circundante é capaz de detectar as falhas e formular alternativas criativas de crescimento e dignidade. É como doar um tanto do nosso talento, do nosso espírito crítico, da nossa capacidade de agir, de organizar, empreender e articular. A sociedade precisa das nossas agendas telefônicas milagrosas, onde bastam muitas vezes duas ou três ligações para que se realizem projetos incríveis de desenvolvimento social.

opinião

Foi o que busquei com a pequena história da minha empresa, a Tidelli, que há 4 anos resolveu encarar o problema social de frente. Queríamos ajudar, mas não sabíamos como. Como toda empresa responsável, gerávamos empregos, honrando os nossos compromissos e ajudando algumas instituições, mas tudo aquilo era pouco. Pensávamos de forma individual, como se a empresa não estivesse inserida em um contexto maior.

Foi quando, no intuito de terceirizar algumas operações da fábrica, participamos de uma reunião em uma cooperativa de bairro organizada pelo governo do Estado da Bahia. Naquela reunião, o secretário de Desenvolvimento Social manifestou o interesse de desenvolver uma parceria público-privada para gerar empregos no bairro mais pobre da cidade de Salvador. Neste local, a taxa de desemprego era de 92%, o analfabetismo

funcional superava 70% e a criminalidade reinava absoluta. Topamos o desafio com muita coragem, e resolvemos encarar o problema de frente.

Na época, muitos nos chamaram de loucos, mas com o apoio do governo do Estado construímos uma fábrica nesta localidade e tremamos mais de 200 pessoas da comunidade sem qualquer tipo de discriminação de cor, idade, sexo, experiência profissional, antecedentes criminais, deficiências físicas ou formação educacional. Em março de 2005 inauguramos a nova Tidelli, uma fábrica de bairro, onde todos caminham até o trabalho e almoçam em casa com as suas famílias - qualidade de vida e inclusão social passaram a ser valores fundamentais. Em poucos meses, incluímos na sociedade algumas centenas de pessoas completamente esquecidas e segregadas, dando



esperança a um bairro que se renovou e dignificou. O governo construiu uma creche, um centro comunitário, uma horta comunitária, 750 casas populares e uma escola municipal. Por outro lado, a comunidade criou a sua própria Associação de Moradores e cooperativas de trabalho.

Não foi uma experiência fácil, mas decorridos poucos meses de operação foi possível produzir, com a mão-de-obra local, móveis artesanais de qualidade internacional, o que motivou empresários de diversos segmentos. Foi quando promovemos a instalação de um parque industrial no local, afinal a demanda por empregos não poderia ser atendida apenas por uma empresa. Desenvolvemos, junto ao governo local, o projeto de um grande condomínio de fábricas não-poluentes e com grande densidade de empregos, o qual foi aprovado pelo governador, mediante a alocação de consistentes recursos do Fundo Nacional de Combate à Pobreza.

Atualmente, o Parque Empresarial da Lagoa conta com 14 fábricas já operando e com outras 10 em processo de conclusão. Lá estão instaladas indústrias de móveis, confecções,

tapetes, embalagens, autopeças, entre outras. Até o final de 2009, terão sido gerados mais de 2.500 empregos diretos e outros tantos indiretos na comunidade. Sob a coordenação do condomínio, um belo trabalho social tem sido feito, envolvendo o governo, a escola, a associação de moradores, a polícia militar e outras ONGs interessadas: projetos de capacitação profissional permanente; projetos de erradicação de drogas; projetos culturais e esportivos; programas de saúde; de alfabetização de adultos; de segurança pública e outros eventos de integração da comunidade.

Com base na experiência de Salvador, o governo deverá transformar o modelo em um programa permanente, repetindo a iniciativa em outras 10 cidades baianas, o que poderá gerar outros 25 mil empregos em empresas que produzirão com custo extremamente competitivo e evitarão potenciais importações de produtos asiáticos, mantendo o emprego no nosso país e diminuindo as desigualdades sociais.

Enfim, tudo só foi possível graças a uma atitude positiva, uma atitude social de encarar o Brasil de frente.